



Agnaldo Farias

XS/ pt. O secreto das coisas

Dessa vez José Spaniol apresenta-nos o sono dos objetos. Coisas triviais como escada, cadeiras, mesa, cama, em escala real, versão miniaturizada e ainda através de uma sequência de fotografias, todas elas de pernas para o ar, projetando-se para o alto como numa revolta contra o modo habitual com que as vemos todos os dias. José Spaniol não é o primeiro a perceber que os objetos descansam, que possivelmente sonham e que, da nossa parte, o convívio continuado com eles leva-nos a delirar. Para não recuar muito, basta lembrar da importância dos objetos, receptáculos de segredos, nas poéticas de extração surrealista, ou mesmo em textos como os de Clarice Lispector, como aquele em que Ana, nome/ palíndromo como a própria ordem das coisas, ao entardecer, via-se ameaçada pelos objetos e suas sombras alongadas, os mesmos que de manhã regressavam da madrugada dóceis e empoeirados, como que arrependidos.

O que sonham os objetos? Sabe-se pouco disso, embora seja possível conjecturar que sonham ser outras coisas, assumir outras configurações, quem sabe uma vida mais agitada ou pelo menos livre de nós. Mas antes de prosseguir convém destacar que essa fantasia animista procede. Afinal, os objetos são feitos por nós e para nós. Têm a nossa medida, a curvatura do nosso corpo, adequam-se ao tamanho dos pés, à altura do nosso corpo sentado. Acomodamo-nos neles a ponto de, no melhor dos casos, confundirmo-nos com ele. Não é mesmo assim? Não reagimos com irritação quando nos querem retirar do aconchego da cama, o encaixe exato da cabeça no travesseiro?

Essa cumplicidade, essa compreensão do corpo à conformação do objeto é a prova de uma relação fundada na reciprocidade: estamos nos objetos como eles em nós. Temos um pouco deles introjetados, como eles têm muito de nós. Então por que não algumas das emoções e sentimentos? Ou não existem facas e tesouras mal intencionadas, poltronas protetoras, mesas solidárias? Como há também sinfonia desencontrada e ininterrupta de estalos, rangidos, baques, chiados, além do surdo e inquietante tic tac do relógio e o ruído rascante de metais se atritando na chave que gira na fechadura.

Há de tudo numa casa, em todas as casas e ambientes que frequentamos. E há a possibilidade de que os objetos se cansem disso tudo.

Pois afora a serventia que os justifica e consagra, aquela a qual damos o nome de “utilidade”, há também a simples função de estar aí, a função dissimulada mas igualmente eficaz de barrar nossos passos, criar obstáculos, aquilo que Vilém Flusser chamava de “perfidia dos objetos”. Eles estão em todos os lugares, lembrando-nos, a partir de encontros ocorridos ou evitados, da nossa existência assim como a existência deles. É comum a queda abrupta do topo dos nossos devaneios, o tapa seco que a realidade, quase sempre pela via do objeto, de uma topada a uma porta batendo, insiste em desferir cada vez que nos alheamos dela. Ah, o que podem os objetos... Mas os objetos de Spaniol, esclareça-se, não estão sonhando. Neles não há vestígios de deformação ou de uma roupagem insólita, como os objetos das pinturas de Dali, a xícara peluda de Oppenheim. Nessa linhagem Magritte, esse mestre na perturbação do vocabulário imagético naturalista mais ordinário, parece ser seu parente mais próximo. Deles pode-se então dizer que estão literalmente em suspensão, submersos no sono, esse estado, no dizer de João Cabral de Melo Neto, que é “um poço em que mergulhamos, em que estamos ausentes”. Ausentes ainda que nossos corpos semi-inertes prossigam deitados na cama.

Então é como que os objetos, deixados a sós, quando a noite segue em mar alto com os nossos lençóis convertidos em velas enfundadas, pudessem finalmente descansar. Abandonam-se ao sono, essa palavra, ainda no dizer de João Cabral, “feita de sons que parece se prolongar no escuro”, para ir suavemente se espichando para cima, como que se libertando momentaneamente da ação da gravidade. Contudo, no meio do caminho, sem corte nem interrupção de qualquer espécie, como se houvesse um espelho invisível que os sugasse para dentro, os objetos trocam de posição, invertem-se, e continuam apenas que de cabeça para baixo. Os objetos de José Spaniol, em particular aqueles realizados em madeira e com quatro metros de altura, conservam a domesticidade das aparências ao mesmo tempo em que efetuam uma ligação entre o céu e o chão. E ao procederem desse modo, ao estabelecerem contato com esse espaço secreto, o que provavelmente acontece todas as noites, renovam sua carga de mistério, aquela mesma que faz com que, às vezes, sem que saibamos porque, olhemos desconfiados para eles, ressabiados pela certeza de que sejam habitados por sombras.